

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE
CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE
CURSO CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A CRISE DE 2008 COMO UMA CRISE CAPITALISTA: UMA ABORDAGEM A PARTIR
DE MARX

Stephany Saturno Clemente

Caruaru- PE

2014

Stephany Saturno Clemente

A CRISE DE 2008 COMO UMA CRISE CAPITALISTA: UMA ABORDAGEM A PARTIR
DE MARX

Monografia elaborada pela Acadêmica Stephany Saturno Clemente como exigência do Curso de graduação em Ciências Econômicas, da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE-Campos Agreste, sob a orientação do professor André Luiz de Miranda Martins.

Caruaru- PE

2014

STEPHANY SATURNO CLEMENTE

A CRISE DE 2008 COMO UMA CRISE CAPITALISTA: UMA ABORDAGEM A PARTIR
DE MARX

Trabalho de monografia apresentado ao curso de ciências econômicas da Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovado em: 15/08/2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. (André Luiz de Miranda Martins)

Prof. (Atenágoras Oliveira Duarte)

Prof. (Glaudionor Gomes Barbosa)

Aos meus pais, Jraelson e Edineide, que sempre me deram a oportunidade de estudar e estar aqui neste momento. Ao meu namorado, João Bosco, pela força e incentivo. Aos meus amigos, Alexsandra, Rejane, Rosana, Tarcísio e Wriquilânea, pela companhia nesta caminhada acadêmica.

Agradeço imensamente a Deus por ter me dado sabedoria, principalmente nos momentos mais difíceis. Agradeço a todos meus familiares e amigos, em especial ao Professor André Martins pela ajuda e tempo destinado a leitura e orientação deste trabalho. Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta etapa da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar como se desenvolveram as crises no sistema capitalista, a partir da Grande Depressão no século XX até a mais recente crise que abalou os sistemas econômicos mundiais em 2008. A análise parte de observar como a conjuntura econômica se comportou nos momentos em que ocorriam fases de aceleração e desaceleração na economia, assim como descreve a teoria de Karl Marx, mostrando como formação dos ciclos econômicos, composição orgânica do capital, teoria do subconsumo e estrangulamento dos lucros devido à queda do exército industrial reserva no auge dos ciclos econômicos impulsionam para o desenvolvimento das crises capitalistas. Toma como foco as crises que atenuaram nos Estados Unidos desde a década de 1930 até 2008, nas quais se prossegue até os dias atuais.

Palavras-chave: crises no sistema capitalista, crise de 2008 nos EUA, teoria Marxista.

ABSTRACT

The present study aims to show how the crises in the capitalist system have been developed, from the Great Depression in the twentieth century until the latest crisis that rocked the global economic systems in 2008. The analysis is based on observing how the economic situation behaved at times occurring phases of acceleration and deceleration in the economy, as well as describes the Karl Marx's theory, showing how the formation of economic cycles, organic composition of capital, theory of under consumption and strangulation of profits due to falling industrial army reserve at the peak of the business cycle have propelled the development of capitalist crises. It takes focus the crises which have attenuated in the United States of America from the 1930s to the latest crisis of 2008, which persists until the present day.

Keywords: crises in the capitalist system, crisis of 2008 in the USA, Marxist theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 GRANDES ABALOS ECONÔMICOS	11
1.1 O grande crash de 1929.....	11
1.2 Comportamento Econômico Mundial de 1929-45	15
1.3 O sistema financeiro internacional depois da Segunda Guerra Mundial	17
2 CRISE DE 2008: TERCEIRA GRANDE DEPRESSÃO DO CAPITALISMO	24
2.1 Financeirização do capital	24
2.2 As crises sob domínio do capital financeiro.....	28
2.3 A quebra da pirâmide financeira dos Estados Unidos.....	32
3 A CRISE DE 2008 COMO UMA CRISE DO CAPITALISMO	35
3.1 Pensamento marxista sobre a formação de crises.....	35
3.2 Marx e a formação de ciclos no período de crises.....	38
3.3 Evidências teóricas de Marx sobre a crise de 2008.....	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

No decorrer da história das sociedades diversos fatores influenciaram para que ocorressem formações de crises. As tendências destas se apresentaram de várias formas, seus aspectos iniciaram desde antes da ascensão do capitalismo até os efeitos calculados na mais recente crise que abalou o sistema econômico do mundo em 2008 levando ao pânico e crash diversas economias.

A aparição do capitalismo como um sistema econômico dominante no mundo, elevou o nível de vida de muitas pessoas, no entanto este sistema que se tornou vigente falha, trazendo efeitos devastadores, predominando o pânico e irracionalidade, deste modo muitas pessoas acabam sendo afetadas e com o passar do tempo formam-se os abalos econômico-financeiros que refletem na formação de crises. Quando este colapso no campo econômico se expande e atinge a economia de vários países, autoridades tentam planejar uma maneira de amenizar os danos que ela acaba causando, assim em anos seguintes ao abalo econômico, à sociedade como um todo começa a tentar se estabilizar em virtude das consequências e danos deixados por estas crises.

A análise feita por Marx sobre as crises que já assolaram os mundos capitalistas, se dar a partir dos ciclos econômicos, onde remonta e analisa como economias aparentemente fortes são tão frágeis e propensos à formação de determinadas crises que faz este alucinante mundo tão certo e difícil de desfazer cair no abismo acarretando numa catástrofe econômica em que todos os envolvidos acabam por se perder no que acontece. O abalo econômico sofrido em 2008 nos Estados Unidos é uma amostra de como se repete estas catástrofes no mundo capitalista.

Deste modo, no primeiro capítulo este trabalho faz uma análise de como o mundo capitalista se comportou com abalos econômicos de crises. Na seção 1.1 descreve a crise de 1929, ou Grande depressão, como ficou conhecida e sua repercussão no mundo europeu, principalmente na Alemanha que possibilitou durante o governo de Hitler, uma ascensão do poder e crescimento econômico que se estender até a Segunda Guerra Mundial. Na seção 1.2 mostra como se deu o comportamento econômico mundial de 1929-45 e na seção 1.3 mostra o sistema financeiro internacional depois da Segunda Guerra Mundial.

No segundo capítulo será realizada uma descrição da mais recente crise que envolveu em conjunto todo sistema capitalista. Esta se mostra como um a crise devastadora, profunda e de longa duração, na qual se tem uma queda do comércio mundial, uma grande depressão,

desemprego e grandes conflitos econômicos e sociais, levando-a assim a uma crise com efeitos maiores do que o da Grande Depressão ocorrida em 1929. Na seção 2.1 descreve sobre o processo de financeirização do capital demonstrando a fase do capitalismo em que as transações e mercados financeiros ganham força no sistema econômico mundial. Na seção 2.2 mostra como se desenvolveram as crises sob o predomínio do capital financeiro. Na seção 2.3 mostra como se configurou o mundo econômico após a quebra da pirâmide financeira.

E por fim o terceiro capítulo está baseado no debate teórico das ideias de Marx acerca dos fenômenos das crises e suas graves consequências no mundo, este capítulo aborda a crise de 2008 a partir do pensamento marxista. A seção 3.1 mostra o pensamento de Marx na formação de crises. A seção 3.2 descreve a teoria de Marx voltando-se para uma análise a partir dos ciclos econômicos pelos quais as crises passam. A última seção 3.3 apresenta evidências teóricas de Marx sobre a crise de 2008.

1- GRANDES ABALOS ECONÔMICOS

Neste capítulo será feita uma análise de como iniciou a crise financeira que abalou o mundo capitalista vigente. Na seção 1.1 descreve a crise de 1929, ou Grande depressão, como ficou conhecida e sua repercussão no mundo europeu, principalmente na Alemanha que possibilitou durante o governo de Hitler, uma ascensão do poder e crescimento econômico que se estender até a Segunda Guerra Mundial. Na seção 1.2 mostra como se deu o comportamento econômico mundial de 1929-45 e na seção 1.3 mostra o sistema financeiro internacional depois da Segunda Guerra Mundial.

1.1- O grande crash de 1929

Durante o século vinte abalos econômicos em virtude das crises econômicas vêm tendo uma notável repercussão na história. Ao longo do século, a intervenção dos Governos e a organização de políticas tentaram conter a aparição das crises, no entanto, variações brutas no padrão de expectativas dos agentes e governos levaram a desordem e a volatilidade de preços, transtornando a produção e extinguindo riquezas acumuladas (Motta, 2000).

Até o início da Primeira Guerra Mundial o sistema financeiro era regulado pelo padrão-ouro no qual o câmbio era fixo. Os papéis tinham sua moeda atrelada a uma determinada quantidade deste metal, assim com este sistema acreditavam que os papéis manteriam suas economias estabilizadas. Durante este período ele acabou por funcionar de maneira regular.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos foram os mais beneficiados economicamente, pois supriram as necessidades da Europa através de produtos industrializados, armamentos, recursos financeiros e alimentos, além de expandir sua influência econômica sobre os países da América Latina e da Ásia. A reordenação da economia mundial foi relativamente rápida, possibilitando a década de vinte ter grandes prosperidades. Os Estados Unidos por conceder empréstimos a seus aliados, havia se convertido na maior potência capitalista, pois estava com posse de mais de metade do ouro mundial, sendo assim o maior exportador de capitais, de tal modo possuíam poder, enquanto outros países aplicavam boa parte de dólares disponíveis na compra de mercadorias americanas.

O modo da produção que vinha acontecendo resultou na superprodução que é próprio do modo de produção capitalista, fazendo com que a capacidade de consumo da população não acompanhasse o ritmo da produção que vinha sempre crescendo, assim este clima eufórico que se concentrava durante a década de vinte, principalmente nos Estados Unidos,

fazia dele um país muito próspero, dado sua relativa explosão produtiva, levando a Bolsa de Valores alcançarem elevados índices. Cada vez mais a busca por rendimentos tornava-se maior, provocando em curto prazo grandes ondas de especulações, em torno das sociedades de ações. Milhões de americanos foram atraídos por esta onda inovadora que se formava no mercado de capitais, onde se predominava a confiança e a fantasia *american way of life*.

Na agricultura houve crescimentos exorbitantes, assim como houve crescimento no setor industrial principalmente na construção civil e automobilística, que foram de notável importância econômica, pois estes possibilitaram a muitos americanos terem novos produtos em suas casas, isso fazia com que os custos das coisas se reduzissem em virtude da procura exacerbada que estava ocorrendo, novas fábricas eram abertas e as que já existiam, eram ampliadas a fim de aumentar sua capacidade de produção. A facilidade de crédito contribuiu para equilibrar a distribuição desigual de renda. Contudo, criava-se na verdade, uma ilusão que tudo estava bem, porém mais tarde esse aumento seria irreversível na produção vigente.

A partir de 1925, começou a ser notada uma pequena redução das exportações norte-americanas devido à recuperação europeia da Primeira Guerra Mundial. Os preços dos produtos agrícolas tendiam a cair, em virtude das economias europeias estarem superando os efeitos da guerra, logo a compra por menos produtos americanos acontecia. A superprodução que vinha ocorrendo e quedas dos preços dos produtos fabricados nos Estados Unidos acabavam por afetar os fazendeiros norte-americanos, mas estes acreditavam ser uma crise passageira.

No entanto, ficava cada vez mais notável que à medida que o tempo passava a prosperidade que vinha acontecendo não duraria o bastante, pois trazia dentro de si sua própria destruição. O país caminhava para seu mais grave problema econômico que fora causado por este tempo de decréscimo no cenário americano. Segundo (Galbraith *apud Marques, Adhemar et al*, 2004) nos primeiros anos de prosperidade a distribuição de renda ocorria de maneira desigual, mesmo a produção por trabalhador ter tido um aumento consideravelmente grande, os salários deste período permaneceram estáveis assim como os preços, isso impossibilitava o aumento do consumo, pois surgiam dificuldades de expandir o consumo interno, enquanto a produção do país aumentava, resultando em um aumento no estoque de mercadorias. O lucro das empresas crescia muito e era acompanhado pelo aumento da concentração de renda nas mãos de poucos.

Desde a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos deixaram de ser um país devedor transformando-se em um país credor, porém sendo credor este precisava importar mais do que exportar para que seus devedores tenham como pagar as dívidas realizadas.

Como outra falha econômica que se apresentava em 1929 estava à especulação em larga escala ao redor das sociedades anônimas que se dava por meio da compra e venda de ações, que já eram visíveis assim como seus danos, que só conseguiram se manter enquanto havia geração de lucros das companhias de base. Se algo acabasse por acontecer nestas companhias de base, às pirâmides econômicas que se formavam entrariam em colapso, que teriam efeitos negativos não só no andamento dos negócios e investimentos como também na confiança, consumo e investimento da população como um todo. Os bancos estavam bem ligados na formação destas dinâmicas. Em meados de 1929 o valor destas ações quadruplicaram atraindo cada vez mais investidores com o desejo de enriquecer facilmente.

Em 1929 ocorreu o catastrófico crash que foi uma das maiores crises vividas pelo capitalismo, a crise de 29, ou Grande Depressão, foi marcada pela superprodução de produtos agrícolas e industriais onde levou os Estados Unidos a mergulhar na pior depressão da sua história, atingindo também outros países no mundo. “Tradicionalmente, este período é separado em quatro partes: o *boom* do imediato após-guerra, a crise de adaptação industrial de 1921, o período de “prosperidade”, a crise de 1929 e seus prolongamentos nos anos trinta.” (Beaud, 2004, p. 246).

Quando as economias capitalistas se integraram difundiu-se a crise, levando a redução do comércio internacional para apenas um terço do que era antes de 1929 (Marques, Adhemar et al, 2004). O desemprego atingiu taxas elevadíssimas, reduziu-se a atividade econômica ocorrendo uma acentuada queda nos preços dos produtos primários, e as regiões que já eram pouco desenvolvidas, e que já enfrentavam problemas de superprodução desde a década anterior, também acabaram sendo atingida pela depressão. Em 29 de outubro de 1929, a bolha estourou e após três meses de quedas consecutivas da produção e dos preços, foram vendidas de uma vez só 16 milhões de ações, resultando na queda da Bolsa de Nova York, que causou vários desdobramentos mundiais.

Até 1929, o sistema internacional criado no pós-guerra funcionou a contento. Todavia, duas ordens fundamentais de desequilíbrios – uma referente à produção e à circulação de mercadorias e a outra referente aos círculos monetários e ao sistema internacional de pagamentos – levaram a derrocada de Wall Street, na sexta-feira negra de 29 de outubro de 1929. (Ohlweiler, 1988, p.134).

Os Estados Unidos durante a década de vinte, vivia o auge do liberalismo que pregava a teoria econômica da auto regulação, devido a sua posição liberal. O então presidente Herbert Hoover, recusava-se que houvesse mesmo diante da catástrofe econômica a intervenção

estatal com o fim de estancar ou reverter à situação. Todos confiavam que o mercado livre, era capaz de conduzir tudo de maneira rápida, próspera e eficaz.

A crise de 1929 fechou a possibilidade do padrão-ouro adotado desde antes da Primeira Guerra se reestabelecer. O Federal Reserve em vez de flexibilizar a política monetária aumentou o controle, dificultando a situação existente, assim a oferta de dinheiro diminuiu muito em 1929 e 1933 o que implicou em uma falta de liquidez e crédito, transformando a implosão da Bolsa de Valores em uma crise bancária e no final em uma depressão econômica, o que acabou gerando altos índices de desemprego, assim como suspensão ou fechamento de operações bancárias entrando em colapso. Não só os Estados Unidos apresentaram esses altos índices, outros países conheceram esses índices e declínios econômicos. Países europeus tentaram amenizar os efeitos da crise desvalorizando suas moedas e reduzindo o endividamento interno via inflação. A crise econômica abalou todo mundo com exceção apenas da União Soviética, por ser fechada em si mesma e estava sob governo de Josef Stálin.

Visando solucionar o problema da crise, foi necessário mudar este panorama liberal que todos julgavam eficiente, assim em 1933, durante o governo de Franklin Delano Roosevelt, se aplicou de forma contundente a intervenção do Estado na economia, no qual foi colocado em prática o plano conhecido como New Deal, que foi um plano elaborado por um grupo renomado de economistas com base no pensamento do economista John Maynard Keynes, este acordo defendia que o Estado deveria intervir na economia, regulando-a, a fim de combater crises e desenvolver a economia com a garantia de emprego e direitos sociais. O que foi implantado pelo então presidente Roosevelt trouxe: i) Controle do governo dos preços de vários produtos industriais e agrícolas; ii) Concessão de empréstimos aos proprietários agrícolas; iii) Realização de programas de obras públicas; iv) Criação do seguro desemprego; v) Recuperação do setor industrial; vi) Controle de emissão de valores monetários. Assim ativou o consumo e possibilitou a progressiva recuperação da economia.

De acordo com Ohlweiler (1988), no final da primeira metade dos anos trinta, ocorria uma transformação no sistema monetário e intermediário financeiro. As leis como a *Securities Exchange* (1934) de regulamentação da circulação financeira e a *Banking Act*, que aumentou o poder do *Federal Reserve Board* (1935), possibilitou a estes programar as políticas monetárias vigentes. Na segunda metade dos anos trinta, processou-se uma transformação na organização do trabalho que possibilitou a expansão da capacidade produtiva. Thomaz (2012) argumenta que com a intervenção do estado a forma econômica de como caminhava o país, na década de 1940 já estava apresentava outro funcionamento diferente da década anterior.

1.2- O comportamento econômico mundial de 1929-45

A luta política entre os países no período que se estende de 1929-45 resultou no nazifascismo, onde passou a dar ao capitalismo uma lógica que ele ameaçava à vida civilizada. “A crise de 1930 foi a parteira do nazismo e fascismo, da Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, da vitória do socialismo em cerca de um terço da humanidade”. (Costa, 2013, p.52).

O avanço que se deu o fascismo entre 1920 e 1930 não é uma maneira de conspiração irracional de um determinado grupo e classe, mas sim das forças geradas e plantadas nas entranhas do capitalismo. Durante a Primeira Guerra Mundial a Itália sofreu enormes perdas financeiras e humanas e não tiveram quase nenhum ganho territorial, deste modo eclodiu uma agitação política revolucionária. Assim o partido fascista apoiado pelo italiano Mussolini, os camisas-negras, que iam crescendo diariamente exigiram o poder e o líder fascista para a organizar o cargo de primeiro-ministro, tornando-se após alguns anos o *Duce* (condutor supremo da Itália). Seu governo era baseado em um regime de Estado totalitário. Ele buscou o desenvolvimento econômico do país, centrado na propaganda em massa e proibição de greves, assim desempenhos na agricultura e indústria eram sucesso em seu governo, até chegar à depressão mundial de 1929 onde o país mergulhou em uma profunda crise. Para superar a crise que atingia o país intensificou a produção de armamentos e conquistas territoriais.

Na Alemanha, após viver um período com efeitos sociais e econômicos de hiperinflação, o processo de desenvolvimento foi impulsionado pela ação dos empréstimos privados norte-americanos, sendo notado um acentuado progresso econômico durante a década de vinte. A Alemanha foi privilegiada com o capitalismo norte-americano entre 1924 e 1928 com cerca de 75% dos créditos, assim quando a bolsa dos Estados Unidos estava no auge provocavam a fuga de capitais a aqueles que foram investidos na Alemanha. Assim, este fato deixa claro o porquê da crise de 1929 ter afetado este país.

A partir de 1929, principalmente em função da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, a Alemanha viveu uma grande depressão econômica, com uma contínua crise política, que dizimou os partidos políticos burgueses. Houve aumento das taxas de desemprego, o governo perdeu sua já desgastada credibilidade e a violência com grupos militares aumentou. Este colapso social foi a alavanca para a ascensão dos movimentos fascistas de direita. Hitler insuflava na população devido seu ódio pela França, pois havia ainda uma ferida aberta deixada pelos franceses desde Primeira Guerra Mundial, então isto fazia uso de táticas maniqueístas de bem e mal para encontrar os culpados pela crise alemã.

Como as pessoas que se encontravam desempregadas em março de 1929, passou de 2,8 milhões para 6 milhões em 1933, necessitava de mudanças radicais e imediatas na política, principalmente contra o crescente desemprego. Os alemães reivindicavam mudanças imediatas e os nazistas aproveitaram-se disso. Com um discurso brutal e raivoso, Hitler e seus seguidores do partido nazista, a política adotada na década de 1930 iniciava-se com a dominação nazista. Assim, Hitler e seus seguidores levantaram as bandeiras que mantinham o povo germânico revoltado desde o final da Primeira Guerra Mundial e dentre os efeitos que a população se encontrava revoltada estava à crise econômica, que acabou por gerar o desemprego e a necessidade de espaço vital para o desenvolvimento alemão. Em 30 de janeiro de 1933, Hitler estava pela primeira vez no topo da política alemã chegando ao poder máximo, pode-se dizer que seu domínio levou a Alemanha a pior guerra da humanidade, que culminou em setembro de 1939, quando a Alemanha nazista invadiu a Polônia.

A ampliação nazista nos territórios que não lhe cabiam direito levaram Inglaterra e França declararem guerra à Alemanha, de tal modo foi acionada uma explosão de guerra que só em 1945 seria desativada, com a derrota dos países do eixo: Alemanha, Itália e Japão.

A Primeira Guerra e Segunda Guerra Mundial podem ser definidas como guerras “de redivisão” de mercados e de colônias, no interior do sistema capitalista. As contradições econômicas, sociais e ideológicas entre os principais países capitalistas conduziram à corrida armamentista e às guerras localizadas, que precederam os dois grandes conflitos. (Marques, Adhemar et al, 2004, 167).

A Segunda Guerra Mundial provocou a queda do mundo europeu e fez com que os Estados Unidos emergissem como uma grande potência industrial, monetária e militar, onde pode contabilizar em sua conta um aumento de cerca de 50% de sua renda anual.

Comparando o período de 1945 com o de 1935-1939, a produção industrial dos Estados Unidos mais que dobrou, produziam também mais da metade do carvão do mundo, dois terços do petróleo mundial, assim sua produção aumenta demasiadamente. A URSS também se fortaleceu durante este período, estudava em 1943 com os britânicos a reconstituição daquilo que havia faltado durante as duas guerras ocorridas, que estava ligado a um sistema de pagamentos internacionais, e tornar possíveis as trocas de pagamentos.

No ano de 1944 quando se chegava ao fim da segunda guerra mundial, deixou um saldo devastador nos países envolvidos com um custo material de mais de 1 bilhão e 300 milhões de dólares, mais de 30 milhões de feridos e 50 milhões de mortes e outras perdas incalculáveis. As cidades do Japão e Alemanha foram as mais devastadas por ataques aéreos

arrasadores, chegando ao Japão a um ponto culminante com a ataque nuclear nas cidades de Hiroxima e Nagasáqui.

O mundo estava dividido no final da guerra entre capitalistas representados pelos Estados Unidos e socialistas pela União Soviética e assim começava-se a falar em Guerra Fria, como sendo um confronto indireto entre as superpotências que durou quase meio século, até o esfacelamento da União Soviética em 1991.

O período que se estende da Primeira Guerra Mundial até a vitória dos aliados em 1945 havia colocado o mercado em desordem assim como em risco a ordem social e econômica. Este intervalo foi marcado por instabilidades monetárias e cambiais. Assim, a crise de 1929-45 levou a mudanças profundas na economia internacional e organização do capitalismo. Com a Segunda Guerra Mundial a União Soviética aparece como uma poderosa potência econômica e muitas outras acabaram liderando assim o capitalismo.

1.3- O sistema financeiro internacional depois da Segunda Guerra Mundial

Após o término da Segunda Guerra Mundial um novo sistema deveria ser adotado. Países vencedores liderados pelos Estados Unidos principal potência, economistas e autoridades das nações aliadas, reuniram-se em Bretton Woods para organizar uma nova ordem econômica internacional estável e com desenvolvimento econômico. Deste modo, surgiu o FMI (Fundo Monetário Internacional), o precursor do Banco Mundial e um sistema de taxa de câmbio conhecido como sistema de Bretton Woods ou padrão-dólar, significando assim que esse novo sistema adotado nas taxas de câmbio, as moedas de outros países seriam cambiáveis ao dólar a uma taxa fixa. O dólar tornou-se por assim dizer uma “moeda reserva” mundial levando somente os Estados Unidos usar o padrão-ouro em seus negócios com outros países. Ainda neste período, a criação do Banco Mundial ajudou os países devastados na Segunda Guerra Mundial e estes aceitaram estabelecer paridades fiscais entre suas moedas e o dólar. Após a guerra, apenas os Estados Unidos tinham condições de suprir a liquidez internacional. Durante os quinze primeiros anos o dólar tornou-se a pedra angular desse sistema de pagamentos.

A conversibilidade entre as moedas com o padrão dólar-ouro, no sistema de Bretton Woods funcionou na verdade apenas durante um curto período de tempo, de 1958 a 1960, este sistema era apenas uma miragem na qual no futuro levaria a crise do dólar. De 1944 a 1950 já existia a escassez do dólar em superávits nas contas correntes americanas e na demanda internacional para constituição de reservas dele. Após o pós-guerra o quadro não suportava até mesmo a livre conversibilidade dos países industrializados, a partir daí já se deixava de ser

de fato conversível em ouro. A emissão descontrolada de dólares culminou em uma elevada inflação exportada para a economia mundial, por um lado, estavam os protestos internacionais e por outro a crescente troca de dólares de vários países por respectivas quantidades de ouro, no qual colocavam em risco as próprias reservas dos Estados Unidos.

Em 1958 teve a segunda escassez de dólar. Muitos países precisavam do dólar para suas transações internacionais e não existiam moedas suficientes para estas transações, deste modo para que este sistema do padrão-ouro continuasse em funcionamento, o fluxo de dólares era mantido a partir do déficit no balanço de pagamentos dos Estados Unidos. No entanto, a partir deste período europeus e japoneses recuperaram-se e começaram a ter superávit na balança comercial.

O déficit dos Estados Unidos crescia e com a guerra do Vietnã as suas despesas aumentaram, e isto não estavam sendo acompanhados pela expansão em ouro, logo gerou desconfiança em relação ao dólar. Pressões pela desvalorização da moeda começaram, os países notaram privilégios no sistema de Bretton Woods aos Estados Unidos.

Países capitalistas com a pressão dos trabalhadores reorganizaram as relações de produção, no qual tinha o modelo de Keynes como norte e construção do Estado do Bem-Estar. Este Estado de Bem-Estar social funcionava com déficits elevados a fim de manter o pacto do Capitalismo Monopolista de Estado, no qual era financiado colocando títulos no mercado financeiro quando as taxas de juros estavam baixas.

No final dos anos de 1960 e início de 1970 os anos gloriosos do capitalismo estavam por um fim. Monetaristas mostravam que os anos gloriosos estavam todos ao fracasso, assim eles queriam interferir no mercado e defendiam a ideia que os mercados deveriam se regular sozinho sem a intervenção estatal. Levados pelas teorias das expectativas racionais, os novos-clássicos ampliaram as condições para conduzir para uma reforma liberal, afirmando que a intervenção do Estado, as políticas fiscais e monetárias não se tornavam eficazes, pois limitava o crescimento econômico. Os monetaristas então foram ganhando o espaço e predominando sua hipótese dos mercados eficientes, assim as reformas liberais que aconteceram desde os anos de 1970, mobilizaram os Estados Nacionais e fortaleceram os sistemas empresariais envolvidos na concorrência global. Empresas começam a criar no campo econômico “valor” onde ampliaram o poder dos acionistas, desse modo estes acionistas agora estavam sendo remunerados com bônus enormes e comprometidos com a compra de ações das empresas.

A partir de 1970 os novos pilares para uma administração para uma nova ordem econômica foi implantada: o monetarismo, de Milton Friedman na qual era contra o

liberalismo econômico proposto nas teorias de Keynes. Funcionou como uma de organização econômica e o neoliberalismo como gestor público de um sistema socioeconômico. Essa reestruturação neoliberal cobrou um grande preço econômico, político e social aos Estados Unidos. Políticas monetárias e neoliberais iniciavam uma nova configuração no sistema econômico nas quais os direitos e garantias oferecidas pelo sistema fordista estavam no fim. Assim o Estado não encontra mais força para atuar na economia predominando assim o sistema de livre mercado adotado pelos monetaristas. Em 1950 e 1960 os monetaristas conquistaram toda política econômica começando na Inglaterra e depois nos Estados Unidos.

Quando os monetaristas adotaram sua política a configuração que existia com o Estado dominando o ciclo econômico mudou. Eles adotaram uma política com estabilidade e taxas de juros altas o que resultou na crise do Estado do bem-estar-social. O aumento das taxas de juros que tinha como meta o controle da inflação doméstica, porém seu efeito diante da economia internacional era fazer com que o dólar voltasse a ser o que era antes nas transações comerciais e financeiras. Isto alterou a estrutura e dinâmica da economia mundial.

A partir desta nova dominação os países começaram a realizar a liberalização financeira, abolindo tudo que impossibilitasse a não atuação monetarista no sistema. Assim os estados com o passar do tempo foram se envolvendo em endividamentos que resultou em déficit público, tornando os Estados prisioneiros do polo financeiro. Aos poucos foi se configurando a lógica financeira onde se transformou em uma variável fundamental para a política econômica. Os Estados Nacionais entre si para atrair investidores que adquiram títulos públicos, resultou na crescente operação com os títulos até hoje. “A intensificação da concorrência entre as empresas no espaço global não só acelera o processo de financeirização e concentração de riqueza e da renda como submeteu os cidadãos angústias de insegurança”. (Belluzzo, 2013, p. 172).

No entanto, foi em 1971 que o sistema adotado naquele período, o de Bretton Woods, chegou ao fim, tendo os Estados Unidos que abandonar o sistema que lhe proporcionou uma aparente tranquilidade em seu sistema financeiro, depois de ter vivido o crash de 1929. O motivo do fim do sistema que alavancou as bases do país, foi de seus credores com déficit fiscal e conta corrente em sua conta ter se acumulado devido à guerra do Vietnã, assim acumularam reservas de dólares verificando depois que não possuíam ouro suficiente para servir de lastro para os dólares em circulação, assim aos poucos esse sistema do padrão-ouro desabou e o dólar foi desvalorizado. O regime que era regido por taxas fixas onde o dólar era atrelado ao ouro, ao chegar ao fim introduziu-se o regime de câmbio não mais fixo mas flutuante, assim ocorreram constantes desvalorizações do dólar no mundo o que colocou a

economia mundial em apuros. Em 1976 o FMI alterou os estatutos para legalizar as taxas de câmbio flutuantes e de maneira definitiva o sistema de Bretton Woods chega ao fim. O sistema Monetário Internacional de acordo com o mercado e com algumas intervenções dos Bancos Centrais evitaram apenas grandes flutuações que poderiam no futuro prejudicar a economia. De tal forma essa nova conjuntura acelerou os negócios no qual se expandiram internacionalmente.

Neste sentido, as instituições financeiras bancárias começaram a ter seus rendimentos vindos de empreendimentos do exterior. Os bancos começaram a se envolver em empréstimos com países periféricos ampliando assim seus negócios, logo, a dívida externa dos países foi aumentando consideravelmente, pois existia muito crédito a taxas de juros baixas. Devido o aumento do déficit nos Estados Unidos e elevação da taxa de juros muitos países ficaram endividados. O FMI aparece de forma que impõe aos países periféricos políticas monetárias de maneira a se ter recessão, desemprego, arroxo salarial como a maneira de ajustar as economias se levar um superávit comercial onde poderiam realizar o pagamento das dívidas externas. Assim, em 1980 com a implantação do monetarismo o capitalismo começa outra fase.

A partir de 1971, a situação dos Estados Unidos se agrava provocando ainda mais uma queda no sistema, que agora estava com declaração oficial da inconvertibilidade do dólar, com déficits em contas-correntes e na balança comercial norte-americana. O desenvolvimento do mercado de euro-moedas se deu o desdobramento mais significativo da crise do dólar. Na década de 70 o sistema financeiro foi afetado pela abrasadora expansão da liquidez internacional, taxas reais de juros negativas, inflação, desvalorização do dólar e os dois choques do petróleo.

Em 1979, Paul Vocker o então presidente do Federal Reserve decretou uma nova supremacia do dólar o sistema monetário e financeiro internacional foi posto de cabeça para baixo. Objetivando conter a inflação e desvalorização do dólar, adotou uma política de aumento da taxa de juros, Vocker se tornou formulador da política dos Estados Unidos. A elevação da taxa de juros conteve a inflação que se apresentava e a década de oitenta iniciou com crescimento. A medida adotada por Paul Volcker fez com que os países da América Latina que estavam em dívida com os Estados Unidos aumentassem, pois o aumento da taxa de juros tornaria impossível dos países honrar seus compromissos a serviço da dívida, e a situação também se agravava devido o valor real da dívida aumentar à medida que a moeda desses países se depreciasse, assim muitos governos decretavam moratória. De certa forma, tais moratórias eram reprises de outras crises que aconteceram anteriormente, onde países

com as principais economias do mundo, abalados com as crises acabavam atingindo os países menos desenvolvidos, levando esses países a consequências profundas e mais difíceis de estabilizar do que os países com uma estrutura econômica que mesmo ferida por abalos econômicos advindos das crises, conseguem mesmo que de maneira difícil e passado algum tempo, alavancar-se. Em 1980, Paul Volcker tinha acabado com a inflação e demais Bancos Centrais de todo o mundo pôde reafirmar seu compromisso com a baixa da inflação.

A economia americana se fortaleceu e os Estados Unidos aos poucos alcançou sua hegemonia. O fluxo de moedas no Tesouro começou a aumentar, aos poucos esta política começou a ser adotada pelos principais países industrializados, assim como passar do tempo à elevação da taxa de juros passou ser adotado nas economias mundiais. Os títulos, derivativos, mercados de câmbio multiplicaram-se em capital especulativo. O dólar passou por um tratamento de choque onde naquele período se passava por desvalorizações aceleradas e passou a partir deste tratamento a se valorizar. A lógica da taxa de juros movimentou os mercados do mundo abrindo espaço para o capital financeiro. Deste modo gerou-se uma onda especulativa global nos quais o negócio ligado aos títulos da dívida pública, câmbio, bônus, ações e derivativos se multiplicaram velozmente acima do próprio comércio mundial e suas atividades produtivas. Desde a década de 1980 o crescimento do setor financeiro dos Estados Unidos tem conduzido a uma sessão de crises financeiras cada vez mais sérias. Cada crise vinha atribuída de mais danos, porém as indústrias depositavam mais dinheiro para o salvamento de contas.

A administração Reagan em 1982 passou a incorrer em déficits públicos e a economia foi reaquecida, a partir de 1983 os juros reais caíram e juntou-se ao déficit e o dólar foram valorizados levados a um saldo negativo na balança de pagamentos, logo se tem uma recuperação norte-americana. Com o dólar forte e altas taxas de juros reais levaram a entrada de capitais nos Estados Unidos e um aumento brutal nos déficits da balança comercial e em contas correntes. O aumento contínuo do dólar indicava que os déficits nas contas-correntes estavam sobrefinanciados pela conta de capitais ao mercado norte-americano. Mas os déficits em contas americanas acumulavam-se e transformava os Estados Unidos num devedor líquido internacional. No período de 1980-85 mesmo com a valorização do dólar as importações permaneceram estáveis. As exportações caíram de 8% do PIB de 1980 para 5% para 1985. Assim, entre 1973-96 a crise dos Estados Unidos teve momentos de depressão e recuperação.

As décadas de 1980 e 1990 tinham como objetivo desenvolver um sistema financeiro sofisticado com instituições dos Estados Unidos, nos quais tinham intenção de capturar a mais-valia mundial e estruturar as relações de interesse dos Estados Unidos. Iniciando a

década de 1990 a desregulamentação e avanços na tecnologia levaram a uma explosão dos produtos financeiros complexos e no final da década de 1990 o setor financeiro tinha se consolidado em poucas grandes empresas nas quais eram muito grandes e sua falência ameaçava todo o sistema e a administração.

A transição norte-americana no final da década de 1990 e início da seguinte provocou uma crise na qual os bancos de investimento alimentaram uma bolha enorme em ações da internet. Através de uma especulação em torno das *empresas ponto com*, empresas de tecnologia obtiveram grandes valorizações na bolsa, levaram os bancos americanos levantarem uma grande fraude. As empresas da internet por terem seus valores superestimados que acabaram por formar e provocar o estouro da bolha da internet, fazendo com que muitos investidores perdessem seu dinheiro. Em 2001 essas empresas tiveram uma quebra que acusou perdas de 5 trilhões de dólares em investimento. Em 2002, dez bancos de investimento liquidaram o caso com um total de 1,4 bilhões de dólares e prometeram mudar seus métodos.

A busca contínua de ações na internet e altas empresas tecnológicas que denominava a economia americana na década de 1990 já se pareciam com uma bolha madura, que se formava nos bastidores da economia uma possível crise financeira nos bastidores. Ao estourar neste período tal bolha e mercados acionários entrar em colapso, esta teve pequenas consequências, partindo de uma limitada recessão e lenta recuperação. Mesmo com a quebra de muitas empresas da internet, não se chegou a ter de fato uma crise bancária, devido tudo acabar sendo vendido a investidores domésticos e internacionais do mercado de capitais, não existindo assim empréstimos bancários que poderiam servir como uma condição a uma possível crise.

Devido os níveis das taxas de juros estarem baixos nos Estados Unidos, e ocorrer à intervenção do Federal Reserve no intuito de conter a queda das empresas de ações em alta tecnologia ocorrida durante a década de noventa, começou a se formar a bolha no mercado imobiliário, primeiro nos Estados Unidos e depois em outros lugares do mundo. Deste modo, tornou-se muito fácil conseguir crédito emprestado nos Estados Unidos, onde as diferenças existentes entre títulos de alto risco e as obrigações do tesouro de baixo risco começaram a diminuir consideravelmente com este amplo acesso ao crédito imposto pelo Federal Reserve.

Alan Greenspan, o presidente do Federal Reserve o então defensor da ideia que o sistema financeiro deveria se autorregular dizendo que os mercados eram capazes de resolver seus problemas para proteger os investidores, orientou-os para o mercado imobiliário adotando uma política com juros baixíssimos e redução das despesas financeiras, onde

induziam os investidores a criar um bom número de clientes interessados neste setor de imóveis, a partir desta disponibilização de crédito fácil e redução da taxa de juros. Para todos os efeitos, ele adotou esta política com o intuito de manter a economia forte. Contudo, para os investidores em títulos esta política mostrou-se com um retorno extremamente baixo para investimento, desestimulando-os a investir em títulos do Tesouro Americano, que antes acreditavam ser um investimento mais seguro a se fazer. Do lado dos bancos, essa diminuição de juros possibilitou vários bancos realizarem empréstimos no Federal Reserve a uma taxa baixa. Portanto, passou a ter abundância de crédito barato gerando grandes alavancagens e maximizando o lucro dos negócios.

Os ganhos proporcionados aos banqueiros e corretores passaram a cada vez mais depender dos bônus ligados aos lucros imediatos, dando-lhes incentivos para assumir riscos excessivos, alavancar os investimentos, levando os bancos a apostas muito arriscadas, tudo isso se formou devido à ganância por lucros elevadíssimos causado nas pessoas, que por muitas vezes não percebiam as fraudes que as instituições financeiras praticavam, induzindo tudo a formar os catalizadores para a então crise de 2008.

2- CRISE DE 2008: TERCEIRA GRANDE DEPRESSÃO DO CAPITALISMO

Neste capítulo será realizada uma descrição da mais recente crise que envolveu em conjunto todo sistema capitalista. Esta se mostra como uma crise devastadora, profunda e de longa duração, na qual se tem uma queda do comércio mundial, uma grande depressão, desemprego e grandes conflitos econômicos e sociais, levando-a assim a uma crise com efeitos maiores do que o da Grande Depressão ocorrida em 1929. Na seção 2.1 descreve sobre o processo de financeirização do capital demonstrando a fase do capitalismo em que as transações e mercados financeiros ganham força no sistema econômico mundial. Na seção 2.2 mostra como se desenvolveram as crises sob o predomínio do capital financeiro. Na seção 2.3 mostra como se configurou o mundo econômico após a quebra da pirâmide financeira nos Estados Unidos.

2.1- Financeirização do capital

Desde o *crack* da Bolsa de Nova York em 1930, a crise de 2008 pode ser considerada a maior crise financeira que já aconteceu no mundo econômico. Esta atingiu a esfera econômica não só dos Estados Unidos, mas também de vários países do mundo. A junção de economias nacionais no comércio internacional após a Segunda Guerra Mundial mudou o cenário do comércio no mundo, pois com a expansão que se dava do capitalismo mediante uma grande corporação americana dos seus bancos levava o mundo a alcançar novos patamares na sua história. Dado a reconstituição da Europa ocorre, no entanto uma grande rivalidade dos sistemas empresariais que visavam o investimento produtivo que se dava entre os Estados Unidos e a Europa.

Entre 1980 e 1990, os Estados Unidos estimularam a valorização do dólar, o que forçava a migração de muitas empresas a espaços econômicos mais competitivos. Isto estimulou vários países entrarem no mundo competitivo. Porém em 2008 estes períodos de aparentes ganhos exorbitantes atingiu os Estados Unidos deflagrando uma crise. O mundo criou um cenário para uma crise de confiança e um desaparecimento de segurança dos bancos paralelos e convencionais, desabando em pouco tempo os empréstimos realizados banco a banco o que naquele momento era o que estavam ‘sustentando’ as finanças globais.

Nos Estados Unidos os investidores pagavam suas casas a uma determinada hipoteca, os bancos realizavam os negócios imobiliários e ficavam com as hipotecas realizadas nos negócios dos imóveis como uma maneira de garantir o pagamento, assim ao quitar o débito feito, o cliente recebia de volta as hipotecas. No sistema antigo quando um proprietário pagava a sua hipoteca todos os meses, o dinheiro ia para seu credor local e como hipotecas

levavam décadas para serem pagos os credores eram cuidadosos. Na nova forma essas operações ocorriam de maneira que os credores vendiam suas hipotecas para os bancos de investimento, esses bancos combivam milhares de hipotecas e outros empréstimos incluindo empréstimos para carros, estudantes e dívidas de cartões de créditos e aumentavam os derivados complexos chamados obrigações da dívida ou CDO. Os bancos de investimento vendiam esses CDOs para os investidores, então quando os proprietários pagavam as suas hipotecas o dinheiro iam para investidores de todo o mundo.

O governo dos Estados Unidos através do FED (Federal Reserve), com o intuito de retomar a economia devido o abalo sofrido em 2001, no qual levou a uma recessão, reduziu a taxa de juros. As rendas das famílias não aumentavam, então uma saída para manter os padrões de consumo elevado foi à ampliação do endividamento. Assim, baixas taxas de juros e créditos em abundância possibilitaram a retomada da demanda, porém criava-se um quadro perigoso devido ao efeito de abundância de crédito fácil quem algum momento no futuro deveria ser pago por alguém. Se a economia vai bem, o crédito facilita a produção e a demanda, caso contrário não possibilita aumento da renda conduzindo a inadimplência devido ao número crescente de endividados.

Dentre 1997 e 2006 os preços dos imóveis dos Estados Unidos aumentaram continuamente chegando a triplicar seu valor. Este processo se deu devido o aumento de crédito imobiliário norte-americano, onde as taxas de juros baixas possibilitaram um aumento neste setor. A liberação de créditos e desregulamentação financeira levou ao aumento nos ciclos de créditos, formação de bolhas nos mercados de ativos e que sucedeu em crises bancárias, de câmbio e de endividamento dos países que não conseguiram ter um bom ativo. “Os títulos da dívida norte-americana sem risco e com pronta liquidez permitiram a formação de pirâmides financeiras de ativos securitizados e hierarquizados pelas agencias de *rating* conforme a relação risco/liquidez.” (Belluzzo, 2013, p. 140).

A política adotada a partir da redução das taxas de juros se tornou para os investidores um investimento extremamente baixo fazendo com que as compras do Tesouro Americano diminuíssem, pois antes investidores aplicavam seu dinheiro no Tesouro Americano onde compravam títulos do Tesouro no qual representavam um investimento muito seguro. Esta diminuição da taxa de juros possibilitou aos bancos tomarem dinheiro emprestado. Japão, China e Oriente Médio começaram a ter crédito em abundância devida estar cada vez mais fácil tomar dinheiro emprestado aos bancos, isto levou a uma grande alavancagem que permitiu bons negócios no qual os bancos obtiveram grandes ganhos. Wall Street acabou tendo uma grande quantidade de créditos fazendo-os ricos.

Com a desregulamentação e incentivo do governo as instituições inovaram tudo, assim transformaram as hipotecas e todo tipo de dívidas em títulos nas quais os juntava com outros títulos diferentes e os vendiam as instituições financeiras. Investidores e agentes econômicos de todo o mundo, deste modo com estes títulos podiam obter empréstimos para comprar novos títulos, aumentando a alavancagem financeira. A entrada de companhias seguradoras montava o círculo onde para adquirir seguros dos títulos e se garantir, as instituições e empresas fazia o próprio seguro de tais títulos. Assim, reduziam a taxa desses títulos frente ao FED, logo todos os envolvidos ganhavam lucros exorbitantes. Iniciava-se assim o processo de securitização da dívida, onde vários agentes passavam para frente os riscos dos títulos embolsando enormes lucros e o risco iria ficando para outra pessoa.

As condições de créditos permitiram as pessoas investirem no desenvolvimento de várias inovações financeiras, nas quais começavam a aumentar as dívidas. A maneira como essa disponibilização de crédito se deu, foram devidos os bancos e demais instituições financeiras terem emprestado dinheiro sem analisar se os tomadores de créditos eram dignos de honrar seus compromissos. Tais empréstimos que eram assim realizados eram repassados para hipotecas, financiamento de automóveis, chegando até mesmo a dívidas de cartões de créditos. Em *Wall Street* transformavam-se títulos de valores mobiliários cada vez mais complexos, onde era vendido no mundo todo a investidores que não eram capazes de analisar e avaliar o risco contido naquele negócio. Deste modo, esta securitização fez com que os bancos e outras empresas em *Wall Street* ganhassem comissões bem significativas, transferindo o risco para aqueles investidores que eram desavisados e não tinham conhecimento do investimento que estavam realizando. Além disso, as agências que classificavam os títulos começaram a transformar empréstimos podres em títulos mobiliários folheados a ouro, o que possibilitaram baixo retorno de risco.

As securitizações de créditos bancárias ou de derivativos ampliaram o número de transações e estimularam uma alavancagem imprudente. Com muito crédito disponível as expectativas de valorização de ativos provocaram uma explosão dos preços, onde se tinha muita concentração de crédito na busca de melhor valorização de ativos. Os ganhos obtidos estimularam famílias, empresas, bancos e demais intermediários, havendo o aumento do grau de alavancagem no mercado de ativos financeiros instrumentais e imobiliários. A financeirização dos grupos indústrias começou nos Estados Unidos e se propagou para muitos países do mundo (Chesnais, 2005).

Algumas agências realizavam a classificação dos títulos como os de *tríplice A* que significava uma seriedade nos negócios, logo muitos investidores por acreditarem que esta

classificação fosse segura, ficavam atraídos para fazerem vários investimentos. Este mecanismo criou um *boom* imobiliário com um número cada vez maior de pessoas com créditos, tornava-se fácil adquirir casas, levando a um aumento dos preços dos imóveis.

Os bancos chamavam os clientes com os imóveis valorizados e ofereciam-lhes créditos correspondentes ao valor real das hipotecas e dos preços dos imóveis, esses créditos eram reinvestidos na compra de novos títulos o que levava ao aumento por papéis que resultava em valorizações e ganhos enormes. Cada vez mais aumentava a procura por pessoas para adquirirem créditos imobiliários até mesmo àquelas que não possuíam condições para pagar empréstimos, pois como os imóveis estavam se valorizando criava-se uma ilusão na qual quem os adquirisse estavam realizando um bom negócio desse modo tornava-se mais rico devido esse aumento dos preços. A uma taxa de juros flexível ficava mais fácil conseguir novos empréstimos, justificando novos contratos nos quais estes se valorizando os clientes sempre teriam condições de adquirirem novos contratos para pagarem suas prestações.

Depois de 2000 o uso de derivativos e inovações financeiras explodiu, mostrando o setor financeiro dos Estados Unidos amplamente mais lucrativo, concentrado e mais poderoso do já esteve. Dominando este indústria estavam cinco bancos de investimento representados por *Goldman Sachs, Morgan Stanley, Lehman Brothers, Merrill Lynch, Bear Stearns*; dois conglomerados financeiros representados por *Citigroup e J.P. Morgan*; três companhias de seguros a *AIG, MBIA e AMBAC*; três agências de notação *Moody's, Standard & Poor's e Fitch*. Ligando todas existia uma cadeia de securitização, no qual estava um novo sistema que ligava trilhões de dólares em hipotecas e nos empréstimos e investidores de todo o mundo.

Os bancos de investimento pagavam a agências para avaliar os CDOs então a muitas destas avaliações realizadas foi dado um notação de AAA que representava o mais alto grau de investimento possível, assim tornava-se os CDOs muito populares, principalmente nos fundos de aposentadoria no quais poderiam adquirir cauções altamente avaliadas. Este sistema era uma grande bomba relógio. Os credores não tinham mais cuidado em saber se a pessoa tinha como pagar a dívida realizada então começava a fazer empréstimos cada vez mais arriscados. Os bancos de investimento não se importam, pois quanto mais CDOs vendiam mais lucros obtinham e as agências de notação que eram pagas pelos bancos de investimento não tinham nenhuma responsabilidade se sua notação e seu CDO estivessem errados.

Em 2000 houve também um aumento no número de empréstimos os chamados *subprime* e quando as melhoras no investimento foram combinadas para comprar CDOs muitas delas ainda recebiam notações AAA. Os bancos preferiam empréstimos *subprime* porque eles poderiam carregar altas taxas de juros, isso levou a um aumento enorme no

empréstimo predatório, assim grandes mutuários foram desnecessariamente colocados em empréstimos *subprime* e muitos deles começaram a dever a pessoas que não podiam pagá-los. Se um banco ganha mais colocando as pessoas em empréstimos arriscados então é lá que eles mais colocarão as pessoas. O volume muito grande de dólares em circulação econômica fluía através da cadeia de securitização, como ninguém conseguia uma hipoteca e o preço dos imóveis subiram vertiginosamente, o resultado foi a maior bolha financeira da história. Em 2005 o poder de compra dos Estados Unidos era menor que em 1973, os salários eram baixos e produtividade alta.

O sistema financeiro operava em uma grande escuridão, onde ninguém sabia a proporção de tudo aquilo que estava se tornando e formando. Os bancos insolventes, dívidas se acumulando, o pânico a cada momento se espalhando à medida que os valores dos ativos declinavam devidos as inúmeras vendas por qualquer preço. A crise de 2008 ocorre em um momento em que o capitalismo se transformou em um sistema completo e maduro, pois antes o sistema era completo apenas na órbita de circulação de exportação de capitais e comércio mundial, ao ocorrer à expansão da produção e das finanças o sistema amadureceu unificando o ciclo do capital (Costa, 2013).

2.2- As crises sob predomínio do capital financeiro

De 1996 a 2006 o preço real dos imóveis mais que dobrou de modo efetivo e os empréstimos de alto risco aumentaram de 30 milhões em fundos para 600 bilhões por ano. Em *Wall Street* esta bolha de imóveis e crédito conduzia centenas de bilhões de dólares. Assim, em 2006 cerca de 40% do lucro das empresas estavam vindo de instituições financeiras. Não havia lucro real era apenas o dinheiro que estava sendo criado pelo sistema e registrado pelo rendimento de dois a três anos (Ferguson, 2010).

Durante a bolha os bancos de investimento estavam pegando grandes empréstimos para comprar mais empréstimos e criar CDOs, a razão entre o dinheiro pego emprestado e o dinheiro do próprio banco é chamada de alavancagem, assim quanto mais os bancos tomavam emprestado maiores seriam as alavancagens. Em 2004, o principal executivo da Goldman Sachs ajudou a pressionar a Comissão de Valores Imobiliários para alargar os limites das alavancagens permitindo aos bancos que aumentassem bruscamente os seus empréstimos, desse modo os bancos se arriscavam cada vez mais e se algo desse errado se tornaria uma confusão no sistema econômico.

A maior companhia de seguro do mundo a AIG, estava vendendo uma quantidade enorme de derivativos, os chamados “*credit default swap*”, que era um instrumento

financeiro utilizado pelos participantes do mercado de renda-fixa para especular ou fazer *hedging* contra o risco de uma empresa não cumprir suas obrigações, (era um risco de crédito). Para os investidores que possuíam CDOs, os *credit default swap* funcionavam como uma apólice de seguros, assim um investidor que o adquirisse pagava a AIG um prêmio trimestral, se o CDO perdia a AIG prometia pagar ao investidor as perdas. Mas diferente de um seguro comum, os especuladores também podiam comprar esses CDS da AIG para apostar com os CDOs o que não se podia acontecer. Como esses *credit default swap* não era regulamentado a AIG não tinha como economizar nenhum dinheiro para cobrir as perdas potenciais, no entanto como forma de compensar isto, ela pagava aos seus funcionários enormes bônus, assim garantia que sempre novos contratos fossem assinados, porém se os CDOs fossem mal a responsabilidade ficava por conta da companhia de seguros. As pessoas eram de fato atraídas por serem premiadas por apostar no alto risco.

A desregulamentação financeira, livre mobilidade de capitais e a construção de instrumentos securitizados e derivativos geraram um processo de especulação na qual a riqueza em circulação na orbita financeira é cerca de doze vezes maior que a gerada no setor produtivo, justamente o que gera o valor de riqueza (Costa, 2013, p. 48).

Em 2004 e 2006, o Federal Reserve aumentou a taxa de juros, porém os juros dos empréstimos que eram realizados em longo prazo não se moveram quase nada, resultando em um aperto monetário sem efeito existiam fontes que possibilitavam crédito e dinheiro fáceis.

No final de 2006 e início de 2007, começaram a ocorrer às falências de tais empresas devido ao não conhecimento dos seus tomadores de empréstimos. Um dos grandes fundos de empréstimos e consolidação de crédito administrados por Bear Stearns, na qual havia entrado junto com outras empresas investidoras em crédito *subprime*, acabaram entrando em colapso, assim quando de fato percebeu-se a gravidade na qual o sistema financeiro se encontrava, as hipotecas *subprime* estavam expostas, espalhando-se o pânico por vários lugares do mundo atingindo de certa forma mais uns lugares que outros. “[...] o risco de crédito foi transferido dos bancos para os bancos de investimento, e destes para outras instituições financeiras e para investidores em todo o mundo” (Roubini, 2010, p.44). As famílias estadunidenses possuem um padrão de consumo alto, assim uma queda na renda leva as famílias a um endividamento generalizado, ficando acima da possibilidade de suas economias.

O risco e a incerteza que predominava no verão de 2007 poderiam ser definidos da seguinte maneira: o risco estava relacionado a uns investidores mais arriscados que outros que estavam dispostos a assumir ativos com maior risco deixando os títulos do Tesouro um pouco afastados. A incerteza apareceu quando o mercado imobiliário desabou, contaminando os

títulos, tornando o sistema financeiro incompreensível. O balanço de muitas instituições financeiras neste período continham em si desagradáveis surpresas com uma série diversificada de fundos de hedge, bancos, entre outros. As estimativas feitas a respeito dos valores prejuízos com hipotecas *subprime* variavam de 50 milhões a 500 bilhões de dólares, chegando até mais que este valor. Surtos na rede de instituições financeiras internacionais de Londres, Nova York, Tóquio e outros centros financeiros, ocorriam frequentemente, assim como empréstimos entre os bancos. Os bancos e as instituições financeiras faziam empréstimos de seus excedentes de caixa de maneira recíproca, fazendo esse “novo mundo financeiro” aparentemente ou de algum modo dar certo, gerando o que todos almejavam que era o lucro.

Quando veio o inverno entre 2007 e 2008, os mercados haviam aparentemente se acalmado, declarando muitos que o período de crise que assombrava a todos naqueles períodos havia passado. Vendo a tranquilidade no qual o mercado se encontrava, os investidores que não obtinham conhecimento necessário para sintomas de uma crise, acreditavam nesta aparente calma. Assim sendo, no fim do outono pode-se comprovar que a calma era apenas um engano, na qual se procedeu de surtos ainda piores de pânico e desordem no sistema financeiro “[...] depreciações e prejuízos estavam reduzindo o capital das instituições financeiras para novas e perigosas baixas” (Roubini, 2010, p. 117).

Em resposta a tudo que estava ocorrendo no mundo financeiro, os bancos começaram a emprestar menos, melhorando mesmo que pouco seus padrões de créditos, limitando-se assim a se expor os ativos de alto risco. Porém, mesmo assim, os ativos continuavam a cair tanto nos Estados Unidos como na Europa, a sugestão foi que os bancos aumentassem seu capital para terem uma melhora em seus balanços, porém tais bancos não tinham a quem recorrer, dada a situação como se encontrava o sistema financeiro, logo se tornavam poucas às opções de escolha para se pedir ajuda. Foi criada a ilusão que a situação dos bancos poderiam se ajustar. O Federal Reserve junto com outros bancos centrais iniciaram a concessão de empréstimos aos bancos que operava com financiamento em longo prazo.

O presidente Bush, em janeiro de 2008, declarou que estava otimista em relação à economia e que o momento difícil pelo qual a economia estava passando, iria conseguir atravessar devido à economia possuir um espírito empreendedor forte. O que de fato se passava na economia dos Estados Unidos, era que esta havia entrado em recessão um mês antes, logo todo sistema financeiro estava em um abismo no qual estava à beira de cair. Neste momento, a crise não estava em um momento bom como o Bush afirmara e sim estava passando por sua fase mais perigosa.

Na crise de 2008, o papel que se estende ao Federal Reserve e de alguns Bancos Centrais foi de não poder ter o controle imediato da situação que estava ocorrendo, o sistema financeiro não apresentava ferramentas que poderiam ajudar a sair de tal situação, suas ferramentas eram inúteis.

A transferência de riscos dos bancos para muitos dos investidores acabaram causando mais pânico, pois quando se percebeu que todos agentes do sistema financeiro mundial tinham de algum modo se exposto à compra de ativos, que estavam podres, ninguém imaginava que estariam assim. Tudo acabava por contribuir para uma alavancada crise. Esta acabou também por atingir os depositantes, causando o pânico imediato fazendo com que ocorresse a solicitação de saques, liquidação a qualquer preço de investimentos complexos, até mesmo dos que não eram de fácil avaliação. Junto à corrida do sistema bancário com os depositantes estavam também as indústrias com fundo de renda fixa que chegaram a acumular cerca de 4 trilhões de dólares. Devido a esta corrida a estes trilhões de dólares envolvidos nestes ativos, o governo se viu forçado a fornecer um cobertor para todos aqueles que tinham fundos de renda fixa.

A securitização que ocorria se desfez, os bancos comerciais e de investimento tornaram-se incapazes de transferir títulos para a venda, no mercado de ações as ações começavam a cair anunciando perdas nas carteiras de ativos. Várias economias previam a crise, por volta de 2008, as execuções das hipotecas estavam desaparecendo e a cadeia de securitização impediu que os credores não pudessem mais vender seus empréstimos aos bancos de investimento e como os empréstimos se tornaram inúteis, dezenas de credores faliram.

Os mercados de CDOs entraram em colapso, deixando os bancos de investimento com centenas de bilhões de dólares de empréstimos de CDOs e imóveis que não poderiam ser mais vendidos. Em 2006 a Goldman Sachs vendia CDOs podres para seus clientes e diziam ser de alta qualidade. Adquirindo o *credit default swap* da AIG podiam apostar contra os CDOs, porém estes não poderiam ser pagos caso o CDOs caíssem. Porém perceberam que a AIG ia à falência mas continuaram vendendo.

Além dos Estados Unidos que foi prejudicado, outros países da China, do Japão até Irlanda, também se encontravam em situações semelhantes. Logo, ao piorar a recessão muitos países viam suas economias desabarem, e muitos economistas por terem muitos estudos relacionados a crises, foram ganhando espaço relevante, para o ocorrido em 2008 em muitos países do mundo.

2.3- A quebra da pirâmide financeira dos Estados Unidos

No início de 2006, começava-se a mudar as expectativas dos Estados Unidos, pois o mesmo dinamismo econômico já não existia. Os juros baixos por um longo período de tempo levaram a economia aos primeiros sinais de inflação. Logo, o governo passou a reajustar a política de juros de 1% para 5,25%, isto levou a desaceleração da economia e aumento da taxa culminou na inadimplência dos créditos *subprime*, de modo que envolveu vários segmentos econômicos. Esta sinalização dos *subprime* levaram as instituições financeiras a pensarem em possíveis prejuízos, e como todos estavam envolvidos nos papéis securitizados procuravam se desfazer desses colocando-os a venda no mercado, assim à medida que eram colocados no mercado para venda o valor dos papéis caíam. A notícia da crise vai se espalhando no sistema e vai crescendo o pânico dos investidores como também o prejuízo para as instituições envolvidas na compra e venda desses papéis. O valor dos preços dos imóveis foi rebaixado e investidores corriam o risco cada vez maior de perder suas casas levantando um clima negativo na economia real. Instaurou-se o efeito de pobreza na economia onde muitos encontravam-se endividados e perdendo suas economias, devido ao clima da economia.

Injeções na liquidez, a fim de impedir o colapso dos preços e a parada dos mercados interbancários conteve a queda dos preços, mas não conseguiu reanimar a economia. Bancos com ativos depreciados ao tentar recompor seu nível de capitalização e liquidez restringiu sua oferta de créditos para os agentes até mesmo os situados em boas avaliações de riscos. O Federal Reserve prestou socorro aos bancos de investimento.

Quando o sistema financeiro para de funcionar e entra em colapso devido à baixa dos preços e ampla flutuação de moedas, para socorrer esse sistema falido deve-se voltar a centralização estatal para evitar a desestruturação do crédito e de sua moeda, e prevenir a desestrutura do crédito e sua moeda no espaço econômico. Os bancos centrais são os gestores do sistema monetário universal, deste modo eles abrem seus balanços com a missão de impedir o *crash* financeiro, remediando os impactos negativos sobre a economia real do emprego e da renda. Portanto, a ação do governo está em impedir que deteriorizações nos balanços provoque colapsos nos gastos das empresas e das famílias.

Danificados em sua credibilidade por suas próprias façanhas, os “mercados” foram revigorados por formidáveis injeções de dinheiro, uma espetacular “inflação” de passivos monetários do Banco Central. [...] Além de suas funções básicas de prestamista em última instância e de regulador das condições de liquidez e do crédito, os bancos centrais promoveram a transferências de propriedade implícitas nas relações débito-crédito, sem permitir que fossem violados os princípios de

apropriação privada da riqueza, ainda que, como já foi dito, alguns proprietários individuais tivessem sido sacrificados. (Belluzzo, 2013, p.154-155)

A estrutura econômica que todos acreditavam estar estável se desfez no cenário econômico em menos de um mês. A falência dos cinco maiores bancos de investimento dos Estados Unidos: *Goldman Sachs*, *Morgan Stanley*, *Lehman Brothers*, *Merrill Lynch* e *Bear Stearns* mostrava apenas o início da crise global e esta era maior do que se imaginava.

Bear Stearns foi o primeiro a falir, perdendo em março de 2008, cerca de 88% dos seus ativos líquidos. O Federal Reserve interveio assumindo a maioria das perdas dos ativos podres que existiam. A falência do Lehman Brothers levou aos Estados Unidos deflagrar. Muitos não acreditavam que isto seria possível acontecer, no entanto, o choque do Lehman, espalhou pânico pelos mercados monetários globais reduzindo o crédito, e por fim comprometendo o comércio mundial. Quando ele declarou falência, o país já atravessava uma grave recessão assim com outras economias industriais estavam prestes a entrar em recessão.

A falência de muitos bancos levou o Federal Reserve intervir no mundo financeiro. Sua intervenção estatizou empresas como a *J. P. Morgan* que ninguém mais queria compra-la, assim como a *Fannie Mae* e *Freddie Mac*, que eram as principais empresas hipotecárias, ambas havia juntado cerca de US\$ 5,4 bilhões em títulos hipotecários. A AIG que era a maior empresa seguradora do mundo e também não honrou seus compromissos desencadeando a crise financeira global, ações caíram os preços, resultando em uma recessão global custando muito para os Estados Unidos, isto obrigou o governo também estatizá-la. Outros bancos como o *Bear Stearns* e *Merrill Lynch* foram comprados por outras instituições financeiras, como o *Bank of America* comprou o *Merrill Lynch*. O *Goldman Sachs* e *Morgan Stanley* deixaram de ser bancos de investimento. Além dessas instituições mencionadas havia muitas outras que faliram completamente. O FED acabou por injetar muito dinheiro no sistema econômico, em especial nas instituições insolventes na qual representou a maior intervenção na história desde o pós-guerra. De maneira geral, pode-se dizer que em poucos dias os maiores bancos dos Estados Unidos desapareceram do cenário econômico. Esta derrubada acaba a grandiosidade e força que o sistema capitalista traz em si e apresenta uma grande possibilidade a ascensão das massas populares em combate a um sistema ferido.

Quando os Estados Unidos sofre com algo, o restante do mundo “sofre” com ele. Mesmo que a falência do Lehman Brothers tenha ajudado a espalhar a crise do sistema financeiro mundial, este não foi o único catalizador para que isto ocorresse. “O desabamento do mercado de alto risco transbordou dos Estados Unidos para Europa, Austrália e outras

partes do mundo pela simples razão de que mais da metade da “salsicha” securitizada em Wall Street havia sido vendida para investidores estrangeiros” (Roubini, 2010, p.135).

O governo Bush que antes defendia o livre mercado e retirada do Estado da economia, agora se tornava o principal defensor do Estado para socorrer o sistema financeiro com o dinheiro do contribuinte. No entanto nada mudaria a situação daqueles proprietários com inadimplência, pois por mais que ocorresse a ajuda do governo a perda da casa seria inevitável assim como o desemprego.

A crise de 2008 custou a muitas pessoas suas economias, seus trabalhos e suas casas e a quebra do Lehman Brothers e AIG desencadeou a crise econômica global resultando em recessão econômica global. Esta em relação à crise das empresas *ponto com* só se assemelha o fato dessas instituições colocarem créditos em risco levando a uma grande alavancagem financeira, na qual ninguém tinha noção de como estava às condições dos países e suas possíveis consequências futuras. De acordo com (Costa, 2013) esta é uma crise conjunta do capitalismo onde esse sistema está de maneira geral doente e agora estão sendo questionados os seus principais fundamentos. Tudo que se apresenta é uma parte do todo. Diferentemente do que se retrata na mídia esta passa a ser uma crise não do crédito do setor imobiliário, falta de liquidez, entre outros e não deve ser analisada como uma crise imobiliária, financeira ou ganancia de *Wall Street* a principal causa do mal econômico está na superacumulação de capitais e a impossibilidade de valorizá-los na esfera produtiva.

3- A CRISE DE 2008 COMO UMA CRISE DO CAPITALISMO

Baseado no debate teórico das ideias de Marx acerca dos fenômenos das crises e suas graves consequências no mundo, este capítulo aborda a crise de 2008 a partir do pensamento marxista. A seção 3.1 mostra o pensamento de Marx na formação de crises. A seção 3.2 descreve a teoria de Marx voltando-se para uma análise a partir dos ciclos econômicos pelos quais as crises passam. A última seção 3.3 apresenta evidências teóricas de Marx sobre a crise de 2008.

3.1- Pensamento marxista sobre a formação de crises

No livro escrito por Marx, “O Capital”, ele mostra uma tendência do capitalismo em gerar crises de dois tipos: i) crises econômicas de acumulação devido à tendência na queda da taxa de lucro; ii) crises periódicas de acumulação, onde devem ser vistas como manifestações de uma crise geral, sempre crescente, do capitalismo. Esta acaba por evidenciar o caráter cíclico das crises, mas, seu retorno passado alguns períodos se aprofunda, significando dizer que dentro de toda a crise conjuntural há uma crise estrutural que cresce e que acaba gerando crises sistêmicas, como a que iniciou em 2008 nos Estados Unidos e permanece até o momento tendo como centro a Europa. Tratando-se de crises do capitalismo pode-se dizer que para Marx, a irracionalidade do processo produtivo conduz o sistema capitalista a uma crise permanente, provocada por várias causas distintas, provocadas a partir da produção de mercadorias e acumulação do lucro (Silva, 2014).

O que Marx tentou demonstrar ao escrever O Capital está no fato de mostrar que o argumento do pensamento burguês apresentava falhas, suas conclusões está nas explicações que quanto mais cresce a concorrência no mercado devido o aumento do consumo, salários e, sobretudo da produção entre os capitalistas, torna-se menor a livre concorrência à medida que o tempo passa e apresentando uma maior tendência ao monopólio. Estas condições e a abertura deste monopólio que se gerou a partir da concorrência levam os capitalistas a investirem sempre em mais capital constante (máquinas, instalações, novas matérias-primas, outros) para obter um aumento na produtividade do trabalho. A compra força de trabalho que o denomina de capital variável não ocorre na mesma proporção, desse modo a composição orgânica do capital se evidencia em favor do trabalho morto o que acaba gerando uma tendência a queda na taxa de lucro. Um capital maior gera uma produtividade maior devido à aplicação de capital constante, quanto mais esse capital se torna monopolista e mundial, menor é a taxa de lucro.

De acordo com a ideologia liberal, o capital cresce e o lucro o acompanha, porém Marx tentou anunciar a partir da lógica do capital que quanto mais este capital cresce e se valoriza mais apresenta tendência à formação de crises, devido ao superacumulo que se combina com a superprodução, subconsumo e queda da taxa de lucro em longo prazo. Ao finalizar este ciclo começa a se passar o processo agudo e acentuado que irá provocar uma crise, devido a tudo que deveria retornar como de início como eram as condições iniciais que proporcionava o crescimento econômico e acabava por estimular um novo capital inicial com o passar do tempo não encontra as mesmas condições iniciais, então todo o metabolismo que existia encontra-se saturado de investimentos, com muitos meios de produção instalados, muitos trabalhadores empregados e muitas mercadorias, levando tudo à baixa da taxa de lucro (Iasi, 2014).

Se este metabolismo se enfraquecer em momentos não muito propensos a uma crise, este pode migrar para outro local e tentar se reestruturar, produzindo outro tipo de mercadoria, a fim de baratear seus custos com força de trabalho, matérias-primas e demais elementos que ajudam a equilibrar o capital constante. Porém, em épocas onde este capital total não se encontra fortalecido, cria antecedentes e suporte para ocorrência de crises, pois este capital total não encontra meios com este processo que acabou se configurando e começa a se ter um período conturbado e ameaçador. Tudo isto acaba se configurando na natureza do mundo ilusório que ocorre no capitalismo. Para Marx, esse movimento passa por um ciclo no qual há crescimento, auge, crise e retomada até um novo ápice que leva a uma nova crise (Iasi, op cit). As crises são fenômenos decorrentes do sistema capitalista e que é uma fusão de muitas contradições que se acumulam durante um longo ciclo, nas quais umas acabam se mostrando mais acentuadas que outras.

À medida que o capitalismo fosse se desenvolvendo chegaria a um ponto onde as crises seriam mais longas, devastador devido o domínio do capital no mundo, os gestores passaram a ter uma menor maneira de conduzi-las e administra-las, devido à ampliação do processo de acumulação e novidade no sistema de produção (Costa, 2013, p.83).

O capitalismo tem como o grande benefício econômico seu rápido aumento na produtividade, no entanto, à medida que este se desenvolve e se torna mais produtivo os trabalhadores são os mais prejudicados.

Ao descrever a lógica do capital Marx mostrou que a acumulação é o motivo pela qual determina a produção, porém não é um processo contínuo e uniforme, ela tem um caráter cíclico onde se manifesta a partir da contração e expansão da produção de mercadorias gerando a mais-valia. Nesse movimento cíclico se tem a expansão e diminuição da taxa de

lucro, que tem como consequência a valorização do capital. Há momentos de ascensão e diminuição dessa acumulação de capital. Nos primeiros momentos de ascensão há um aumento tanto da massa quanto da taxa de lucro, levando a um aumento no ritmo da acumulação, em um segundo momento há uma diminuição tanto na massa quanto na taxa de juros diminuindo o ritmo da acumulação.

Segundo a teoria de Marx, o ciclo econômico é formado por uma fase acelerada e outra desacelerada no processo de acumulação. Durante a fase ascendente se acelera o processo de acumulação, ao atingir certo ponto da fase ascendente, a valorização do capital acumulado começa a ser difícil, fazendo com que a taxa de lucro entre em declínio. Na fase descendente apresenta uma situação de superacumulação de capital, onde apenas uma parte do capital acumulado conseguiria ser investido a lucros insatisfatórios, há muito capital disponível, porém isto impede que se alcance a taxa de lucro pretendida. Na fase de desaceleração o capital é desvalorizado e uma parte acaba sendo destruído, deste modo a acumulação está sempre sujeita a ciclos em que ocorrem expansão e recessão, que são para os capitalistas considerados normais (Ohlweiler, 1988).

A Grande Depressão econômica nos 30 passou em 1936 por uma rápida recuperação com ajuda das políticas keynesianas, porém uma nova onda recessiva propagou-se pelo restante da década até ser cortada após ser deflagrada a Segunda Guerra Mundial que levou os Estados Unidos a uma grande posição hegemônica. Após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos conseguiram definitivamente o cenário de uma grande potência, isto representou um requisito básico para a recuperação do capitalismo que havia sido atingido com a Grande Depressão. Seguiu-se um período de grandes expansões capitalistas até meados de 1960, onde se começou a dar sinais de um declínio na lucratividade e nos investimentos realizados nos principais países industrializados. Este período de ascensão abre a década de 1970 com um início de declínio capitalista, onde em 1973-75 foram consideradas a mais grave crise após os a Grande Depressão, tudo acabou por iniciar mais um período de recessão retornando assim ao crescimento na década de oitenta a partir da política adotada por Reagan. Após um período onde houve uma grande expansão, o processo de acumulação de capitais vem passando por um longo período de crise, onde aparecem pequenos ciclos de recuperação, expansão, estagnação e recessão.

As crises são resultado do movimento que a produção capitalista propicia, e que resultam na queda da produção e lucro dos capitalistas. Quando há a valorização do capital ocorre a elevação da composição orgânica do capital, e esta elevação no acúmulo de capitais reduz a taxa de lucro, porém se a taxa de mais-valia for incrementada ocorre um equilíbrio.

No entanto, ao chegar um momento no qual não se possa complementar mais esta mais-valia ocorre uma crise no sistema econômico, pois a taxa de lucro agora não é mais satisfatória do ponto de vista econômico.

É importante destacar que para o desenvolvimento destas crises existe também uma maneira de restaurá-las, que pode acontecer a partir da retirada dos capitais que não prestam e que ajudaram a culminar a crise, assim com os capitais que restaram pode se haver uma transformação de modo que estes alcancem diferentemente do período anterior à crise uma boa produtividade até se recuperar a acumulação de capitais. Os capitais que obtiveram seus preços rebaixados podem ser vendidos no mercado então a composição orgânica do capital cai e leva a um aumento da taxa de lucro. O exército industrial de reserva que se encontra desempregado devido à crise, e que obtiveram seus salários rebaixados, proporciona aos capitalistas os recontrataram, porém a baixos salários, assim isto proporciona aos capitalistas que a taxa de exploração aumente fazendo aumentar também a taxa de mais-valia. Deste modo, a partir do momento que tudo isto começa a funcionar como antes e conduzir ao aumento da taxa de lucro, a crise chega ao fim.

3.2- Marx e a formação de ciclos no período de crises

Partindo de análise dos marxistas de acumulação capitalista a partir de ciclos econômicos pode-se denotar que os ciclos longos correspondem a um determinado padrão de acumulação, as inovações técnicas é um elemento importante, porém não é exclusivo. Com as grandes ondas inovadoras, há uma implantação de novos setores industriais nos quais apresentam um desenvolvimento grande de produtos novos o que leva ao aumento da produtividade do capital e trabalho, novos mercados são abertos, novas fontes de matérias-primas são postas no mercado para entrarem nesta intensa atividade econômica. Tudo acaba tendendo para formação de mercados oligopolistas assim como a cartelização e intervenção do Estado nesses setores (Bresser-Pereira, 2014).

Os ciclos econômicos duram cerca de 50 a 60 anos, existindo vários tipos. Os ciclos longos de Kondratiev se deram devido uma análise feita em artigo no qual comprovou a existência de três longas ondas a partir do final século XVIII. A primeira onda se deu entre 1790 a 1844-45, a segunda de 1844-45 a 1890-96 e a terceira de 1940-45. Para demonstrar sua teoria utilizou uma série de dados estatísticos nos quais mostravam que entre 25 a 30 anos a economia crescia com rapidez, tendo assim a sua fase de expansão dos ciclos normais mais longos e as desacelerações, mais curtas, assim após esses 25 e 30 anos a economia crescia muito lentamente, ocorrendo um relativo declínio. Este ciclo apresenta duas distintas fases:

uma fase ascendente (fase A) e uma fase descendente (fase B). Essas flutuações de longo prazo seriam características da economia capitalista. Alguns autores perceberam a formação do quarto ciclo longo, como Ignácio Rangel, Ernest Mandel, Parvus, Kautsky, Gelderen, e outros, pois ao terminar o período na qual Kondratiev denominou de terceiro ciclo longo passado os 25 a 30 anos na qual ocorreu um período de expansão observa-se na década de 60 que o mundo entrou na quarta fase de declínio, porém isto é de fato comprovado com o primeiro choque do petróleo na década de setenta. (Bresser-Pereira, op cit).

Então, podem ser enumeradas as seguintes sequências para os quatro períodos longos: 1) crescimento acelerado até 1823 e desacelerado entre 1824 e 1847; 2) acelerado entre 1848 e 1873 e desacelerado entre 1874 e 1893; 3) acelerado entre 1894 e 1913 e desacelerado entre 1914 e 1939; 4) acelerado entre 1940/45 e 1948/66 e subsequente desaceleração (Ohlweiler, 1988, p. 126).

Kondratiev havia percebido ao formular sua teoria que nos períodos em que ocorrem os longos ciclos, ocorre à formulação de inovações tecnológicas que tomam forma justamente quando está próximo de iniciar a fase de ascensão de um novo ciclo, pois devido à introdução de alguma nova tecnologia impulsiona o crescimento econômico que leva para esta nova fase de ascensão do ciclo. Schumpeter tenta formular a partir de sua teoria de inovação e baseado na do ciclo longo Kondratiev uma maneira de mostrar o capitalismo a figura do empresário inovador para o desenvolvimento econômico. Assim, desenvolveu uma teoria nas decorrentes vantagens monopolistas que este empresário inovador obtém permitindo o lucro capitalista, pois este ao tornar o empresário inovador apresenta a ele as claras vantagens de lucros, no qual monopolizados conseguem obter momentos de grandes ciclos econômicos até quando não houver mais possibilidades de reversão de todo o método adotado na expansão em lucro começa a se ter início segundo sua teoria o período de depressão.

Marx observou a formação dos ciclos a partir de diversos ângulos, porém não deu um tratamento certo para esta teoria. No livro *O Capital* pode-se encontrar três teorias a respeito dos ciclos onde se dá a partir da tendência da queda da taxa de lucro ou aumento da composição orgânica do capital, teoria do subconsumo e teoria do estrangulamento da taxa de lucro devido à diminuição do exército reserva industrial no auge do ciclo. Na teoria de subconsumo mesmo que o capitalista produza visando o lucro e a acumulação e não o consumo a demanda agregada depende assim do consumo dos trabalhadores que em toda fase que ocorre expansão do ciclo esta tende a diminuir, pois os salários dos trabalhadores crescem

menos que os lucros dos capitalistas, empresas aceleram seus investimentos tendo uma capacidade de produção acima do nível de consumo, e não conseguem aumentar seu nível de produção tendo queda posteriormente nos lucros e investimentos fazendo uma reversão cíclica. A teoria do estrangulamento da taxa de lucro devido à diminuição do exército reserva mostra que no auge do ciclo econômico há aumentos dos salários acima da produtividade o que provoca estrangulamento da taxa de lucro, quando estes ciclos de expansão estão no auge a taxa de lucro aumenta devido ao aumento da renda e produtividade e ocorre uma elevação cada vez menor dos salários comparando-se com os lucros obtidos do período. Ao atingir seu auge ocorre uma queda enorme na taxa de lucro que se deve a partir de uma participação menor da renda nos lucros e da redução da produtividade de modo que ocorre uma diminuição na propensão a consumir.

Marx não fez uma distinção clara em sua teoria de longo e curto prazo, ele tratou das crises quando estava examinando a tendência da queda da taxa de lucro. Estudiosos tentam entender que foi a partir dessa percepção que a teoria do ciclo de Marx se baseia. De modo que uma queda na taxa de lucro, dado o crescimento da composição orgânica pode influenciar no estudo das crises. Ele deixa claro o problema que gera a crise está na superprodução do capital assim como subconsumo e superprodução de mercadorias que esta na incapacidade dos capitalistas venderem as mercadorias ter lucro e vender o capital. As crises vêm de maneira a tentar reestabelecer a taxa de lucro e o capital que se tornou excessivo.

A fim de analisar de fato os ciclos temos que estes podem atingir o auge, reversão cíclica, desaceleração, fundo de recessão, primeira fase de expansão ou prosperidade, os lucros estão altos e o capitalismo opera bem, na fase final de expansão. Os ciclos econômicos são basicamente fenômenos de curto prazo diferentemente dos ciclos longos que são de médio e longo prazo como seu processo de desenvolvimento. O ciclo econômico depende fundamentalmente do equilíbrio entre oferta e demanda e da luta de classe no final da fase de expansão e os ciclos longos são explicados pelas teorias schumpeterianas onde há desenvolvimento pela tendência de queda da taxa de lucro.

3.3- Evidências teóricas de Marx sobre a crise de 2008

No passado a burguesia tomava proveito dos países periféricos a partir das trocas desiguais, juros da dívida, dividendos e lucros dos filiais que atenuavam nos países. Agora todo planeta se tornou uma única esfera de investimento, produção e acumulação de capitais. Marx reconhece que a transformação nas finanças capitalistas e o surgimento da sociedade

por ações marcam uma nova época na vida econômica das nações modernas. (Belluzzo, 2013).

A partir do momento em que a crise de 1929 e as consequências da Segunda Guerra Mundial chegaram ao fim, o processo de centralização do capital sob forma financeira começou nos Estados Unidos. Durante a era dourada de 1947 a 1973, ocorreu a expansão do comércio na qual envolvia o intercâmbio de bens finais de consumo e capital entre vários países. Na década de 80 deu início o processo de desintermediação onde os principais responsáveis para este movimento foram às instituições financeiras que começavam a atuar de maneira forte no mercado, nas quais mais tarde atenuariam em vários segmentos do mercado. Através de uma nova etapa de acumulação financeira, os dividendos passam a ser importantes mecanismos de transferências e acúmulos no mercado de ações.

O crescimento de ativos se fez em um ritmo acelerado e ao longo da década de 90, as sociedades de seguros estão frente a um grande volume de ativos que são ultrapassadas mais tarde pela sociedade de investimento e fundos de pensão. Nesta década a economia mundial cresceu em dois lugares: no sudoeste da Ásia através da produção destinada a ser escoada no mercado externo e estimulada pelo fluxo de capitais estrangeiros para investimentos rentáveis, isto durou até início de 1997. Cresceu também nos Estados Unidos que sob comando do capital financeiro obteve crescimento, no qual de 1996 até 2001 baseou-se na retomada de investimentos, que levou a acumulação de capital gerada não recuperar sua taxa de lucro que estavam contidas nas empresas norte-americanas. Os antigos assalariados que possuíam planos de poupança e previdência acabaram sendo os mais prejudicados na crise no final dos anos 90 e início de 2000.

A Europa e os Estados Unidos envolveram no final, muitos países a esta nova onda inovadora e violenta acabou levando a todos alcançarem muitos lucros. “O forte crescimento dos mercados de títulos de empresas graças ao movimento de acumulação financeira e das medidas de desregulamentação foi seguido de uma evolução notável da função dos mercados e poder dos investidores” (Chesnais, 2005, p. 37).

Ao iniciar sua análise do capitalismo Marx voltou sua atenção para a mercadoria, no qual procurou mostrar que nas sociedades onde o modo de produção capitalista prevalece esta leva a um grande acúmulo dessas mercadorias, na qual podem resultar passados os momentos de ascensão nas crises dos sistemas. As crises econômicas são, precisamente, o resultado de dificuldades temporárias no processo de valorização de capital, que fazem declinar a taxa de lucro a níveis considerados insatisfatórios do ponto de vista da rentabilidade normal do capital. (Ohlweiler, 1988).

Ocorrida em 2008, a crise do capitalismo ocasionou graves consequências ao mundo em um momento em que o sistema capitalista está fragilizado econômico e politicamente, esta se transforma em um sistema capitalista mundial mais completo e maduro. Torna-se uma crise do sistema como um todo, nos quais o superacumulo de capitais e bloqueio de valorizá-los no âmbito da produção levou a busca de novas frentes para manter seus excedentes (lucros exorbitantes) no ambiente de circulação onde o capital fictício ficou em evidências nos negócios, “quanto mais capitais fictícios circularem na esfera financeira, mais débil e mais próximo da crise estará o sistema” (Costa, 2013, p. 165).

O capital financeiro se apresenta no centro das relações econômicas, representando uma configuração específica do capitalismo, onde este é facilmente identificado por participarem da organização de bens e serviços, captar valor e organizar diretamente o domínio político e social do capital frente os assalariados. As instituições financeiras bancárias e, sobretudo as não bancárias tem traços específicos de esta forma articular o capital, pois este busca fazer dinheiro sem sair da esfera financeira, assim consegue fazer a partir de empréstimos de juros, dividendos, recebimento de títulos em posse de ações e lucros através da especulação bem-sucedida.

Para que este capital financeiro desempenhasse a sua função foi necessário haver anteriormente uma liberação de capitais, desregulamentação e desbloqueio do sistema financeiro. Assim, a acumulação financeira ficou estritamente ligada à liberação dos movimentos de capitais como também da conexão internacional entre os mercados de ativos financeiros (Chesnais, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a análise de Marx sobre os ciclos pode-se perceber que o *boom* sofrido na década de 30 levou o sistema capitalista como um todo a um momento de glória como na sua teoria procurou mostrar, o aumento da produção associados a lucros extraordinários elevou a produção onde não se tinha de fato uma demanda que respondesse da mesma maneira possível. O crescente aumento da acumulação de capitais levou a uma queda na taxa de lucro, onde fez com que aquele espaço econômico de grande auge decaísse formando assim a Grande Depressão econômica da década de 1930, esta conforme a teoria dos ciclos passa por um momento perturbado aonde apenas vai se reestabelecer a partir de 1939 com o anúncio da Segunda Guerra Mundial, possibilitaram a aquele sistema ferido economicamente se recuperar iniciando novamente uma fase de um novo ciclo no qual economias capitalistas tendem a passar.

Esta nova fase de prosperidade econômica principalmente dos Estados Unidos possibilitou a retomada dos lucros até a conclusão de mais outra etapa destes ciclos que foi no segundo choque do petróleo onde o sistema de Bretton Woods já não funcionava e economias de todo mundo não encontravam lastro para aquelas quantidades de dólares que precisavam, assim mais um ciclo com o auge na década dourada chega ao fim, devido o método capitalista adotado para recuperação não mais funcionar. Só então na década de 80 que um novo ciclo começa a se restabelecer a partir das políticas adotadas pelo presidente dos Estados Unidos Reagan que tinha como objetivo restaurar a prosperidade econômica, assim começava mais um período de desregulamentação. Ele permitiu que empresas de poupança e créditos fizessem investimentos de alto risco com dinheiro de seus depositantes, porém no final da década muitas empresas haviam falido e isso acabou custando a muitas pessoas suas economias e muitos empresários foram presos. Depois Alan Greenspan continuou assumindo a economia e prosseguindo com a desregulamentação.

Assim motivados por uma nova onda financeira de frente a tecnologia principalmente das empresas da internet pouco a pouco aquele sistema iria crescendo e ficando claro o próximo ponto de declínio como Marx mostra em sua teoria, onde crescia novamente o processo de acumulação financeira e os lucros cresciam velozmente a ponto de como resultado da grande acumulação começar a cair e se instala novamente uma nova queda do ciclo na década de noventa devidos o surtos inovadores que possibilitaram várias empresas da internet alçarem muito lucro, porém sem uma base forte de sustentação assim tudo levou a mais uma queda deste ciclo.

A crise que abalou os sistemas econômicos capitalistas no mundo e que teve seu ápice em 2008 fez-se perceber como se estende a atual forma de financeirização da economia, onde tudo parte da desregulamentação na qual seria uma virada da economia mundial para a chamada globalização, onde era necessário que a economia não precisasse das imposições postas pelo Estado e ampliasse sua liberdade para o comércio mundial. Em um primeiro momento esta ampla liberdade tinha como um dos principais objetivos a movimentação de capitais financeiros no mundo, como também de mercadorias, no entanto a mercadoria com mais importância era o dinheiro no qual permitia aos especuladores criar inúmeras fórmulas de multiplicar seus rendimentos. Este capitalismo sem freios acabava por assegurar a prosperidade criando um cenário do melhor mundo.

Todos acabaram participando da onda na qual se passava o mundo financeiro, onde investiam seus capitais em negócios muito rentáveis a fim de espalhar o desenvolvimento. O poder do Estado não desapareceu, apenas foi transferido para instituições como FMI, Banco Mundial e outras governanças. Nesse processo poucos acabaram ganhando muito e muitos perderam até mesmo o que aparentavam ter e na verdade não tinham nada.

Baseado na teoria marxista é possível notar como o acúmulo financeiro chega a aumentar, assim como ele próprio relata na teoria do subconsumo que um aumento muito grande na produção chega a um ponto em que o círculo que se formou até este aumento atinja seu auge e a oferta fique maior que a demanda levando a uma queda na taxa de lucro, consumo, desemprego em massa o que ocasiona a formação de uma grande massa do exército reserva que devido à queda da taxa de lucro e salários, desacelera a economia, impossibilitando que o consumo se mova, pois as rendas de todos caem assim como a queda nos preços dos bens materiais na economia, isso leva todos a passarem do efeito riqueza para o efeito pobreza.

Dado, este abalo ocorrido, o único capaz de intervir e salvar a economia seriam o Estado como todo o sistema anterior operava a partir do neoliberalismo, a crise mostrou que o Estado a partir de sua transferência para instituições financeiras como FMI, Banco Mundial, outros, foi que pôde servir como prestamista em última instância para “salvar” parte do desabamento financeiro na mais recente crise.

A crise de 2008 pode ser considerada a primeira crise completa do capitalismo como todo que resultou em mudanças na economia e na sociedade. Diferentemente das crises anteriormente acontecidas, esta surge em um período onde o capitalismo tornou-se mundialmente um sistema completo devido à industrialização da produção e finanças, ou seja,

se firmou em um espaço de tempo no qual a globalização se tornou um forte elemento na construção da financeirização econômica no mundo.

Os negócios na área de financeira não geram valor e se transformam em um investimento produtivo, onde empresas são obrigadas a gerar lucro como se estivessem na área financeira, assim gera para sociedade queda no nível de atividade produtivo assim como desemprego, concentração de renda e empobrecimento daqueles que participam deste feitiço financeiro.

O mundo assiste a maior história do capital e o amadurecimento de todas as instituições construídas em Bretton Woods, tornando o sistema monetário cada vez mais cheio impossibilitando a capacidade de resolver todos os problemas que repercutem no mundo, principalmente aqueles nos quais são sustentados devido às consequências desastrosas que as crises trazem isto apenas torna esse sistema devastador.

Este sistema encontra-se doente e tende a se agravar se nada for resolvido, pois a crise se tornou explosiva por todas as contradições do capitalismo se comparado com as crises anteriores, logo este ciclo encontra-se atualmente no momento de declínio e mesmo a mídia passando uma imagem boa dos países a situação está muito grave merecendo ser cuidada com novos olhares, talvez esta seja uma porta para que a classe trabalhadora alcance um melhor lugar na história haja vista sua constante luta com o mundo burguês no qual só obtêm desvantagens econômicas e sociais, esta crise que se avançou velozmente deixa claro como o capitalismo fictício engana os olhares e vantagens no meio econômico e que a exemplo desta em que o mundo todo sofre as consequências possa existir uma saída mais vantajosa para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

BEAUD, M. **História do capitalismo: de 1500 até os nossos dias.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BELLUZZO, L. G. **O capital e suas metamorfoses.** São Paulo: Unesp, 2013.

BRESSER-PEREIRA, L. **Ondas longas e ciclos econômicos.** Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/books/lucroacumulacaocrise/13-Capitulo-XII.pdf>. Acesso em 27/6/2014.

CARVALHO, D. F. **Crise Financeira, Recessão e Risco de Depressão no Capitalismo Globalizado do Século XXI.** Cadernos Cepec, Belém: Universidade Federal do Pará-UFGPA, Centro de Pesquisa Econômica- Cepec, v. 1, n. 5, 2012.

CHESNAIS, F. **A finança mundializada.** São Paulo: BOITEMPO, 2005.

COSTA, E. **A crise econômica mundial, a globalização e o Brasil.** ICP, São Paulo, 2013.

DA MOTA, J. R. S. T. **As Crises Econômicas Mundiais.** Brasília – DF: Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. P. 20, 2000.

FERGUSON, C.; MARRS, A. **Inside Job.** EUA: Sony Picture Classics, 2010.

IASI, M. L. **Marx e a crise: os fantasmas agora são eles.** Disponível em: http://www.socialismo.org.br/portal/images/stories/documentos/Marx_e_a_crise.pdf. Acesso em 10/6/2014.

MARQUES, A. et al. **História Contemporânea através de textos.** 10 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OHLWEILER, O. A. **A Crise da Economia Mundial.** Porto Alegre. Editora Mercado Aberto, 1988.

ROUBINI, N., MIHM, S. **A economia das crises.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

SILVA, M. B. O. Marxismo e direito ao meio ambiente no contexto da crise ecológica: velhos paradigmas e novos olhares. 2014

THOMAZ, R. A. O. A Crise de 2008 e sua relação com a de 1929. Petrópolis: Universidade Católica De Petrópolis, 2012.